

O que nos une? A comunicação estética do espaço e a agenda 2030

What unites us? Urban space aesthetic communication and Agenda 2030

• **Renata Svizzero e Denis Reno**

Universidade Estadual Paulista, Brasil

DOI: <http://dx.doi.org/10.15304/ricd.3.11.6387>

NOTAS BIOGRÁFICAS

Renata Svizzero é Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/UNESP (Bauru, SP, Brasil).

Contacto: reefakhoury@gmail.com

Denis Renó é Livre Docente em Ecologia dos Meios e Jornalismo Imagético, Doutor em Comunicação e jornalista. Professor Associado na Universidade Estadual Paulista – UNESP, nos programas de graduação em Jornalismo, Pós-graduação em Mídia e Tecnologia e Pós-graduação em Comunicação.

Contacto: denis.reno@unesp.br

Resumen

Com a passagem de uma cidade moderna para contemporânea, novas questões e desafios surgiram, na qual mudanças de ordem tecnológica desorganizaram e reorganizaram o território e, para compreender as consequências causadas nas cidades e no seu funcionamento é necessário que seja feita uma leitura sociocultural. Estudos têm demonstrado a importância das relações dialógicas entre a arquitetura do lugar e as reais necessidades socioeconômicas e culturais dos usuários. A Agenda 2030 da ONU propõe a melhoria da vida das pessoas em todos os lugares para garantir uma vida com dignidade, na qual um de seus objetivos visa tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Este estudo pretende oferecer novos parâmetros para o desenvolvimento de um olhar que tornará possível a existência de, a partir de uma análise social e cultural, um espaço público inclusivo como uma nova maneira de olhar a cidade.

Abstract

With the passage from a modern to a contemporary city, new questions and challenges have arisen, in which technological changes have disorganized and reorganized the territory and, to understand the consequences caused in the cities and their functioning, a sociocultural reading is required. Studies have shown the importance of dialogic relationships between the architecture of the place and the real socioeconomic and cultural needs of users. The UN Agenda 2030 proposes to improve the lives of people everywhere to ensure a life with dignity, in which one of its aims is to make cities and human settlements inclusive, safe, resilient and sustainable. This study aims to offer new parameters for the development of a look that will make possible, from a social and cultural analysis, an inclusive public space as a new way of looking at the city.

Palabras clave

Cidade, comunicação, estética, imagen, inclusão Social.

Keywords

City, communication, aesthetics, image, social inclusion.

Sumario

1. Introdução
2. Referencial teórico
3. Agenda 2030
4. Metodologia
5. Resultados
6. Conclusão

Contents

1. Introduction
2. Theoretical references
3. Agenda 2030
4. Methodology
5. Results
6. Conclusion

1. INTRODUÇÃO

A noção de finitude do espaço nos coloca ainda mais importância, não só nos desafios das condições ambientais e da sustentabilidade, mas igualmente em condições culturais e sociais urbanas. Aliando esses desafios com as metas da ONU e da UNESCO, a valorização da cultura arquitetônica permite analisar em sua dialogia (Bakhtin, 1986) os importantes contrastes da cidade no enfrentamento destes desafios no século XXI (ONU, 2019).

Com uma nova realidade urbana, resultado das modificações do mundo contemporâneo, contrastes são expressos na diversidade e na multiplicidade dos espaços da cidade. As condições urbanas de fluxos assimétricos, imagens e informações somam aparências em um espaço de interação que nem sempre abrange as populações locais e suas culturas.

Os espaços públicos devem ser locais de sociabilidade e interação (Speck, 2016). Ainda, segundo o autor, apenas recentemente começou-se a entender a importância dos espaços públicos, inclusive das ruas, como elementos-chaves para a integração social e econômica.

O impacto causado pela arquitetura e sua imagem, ao criar valor social e cultural, podem mudar não só a vida das pessoas, mas também suas percepções. Isto pôde ser visto no século XX, quando os urbanistas defendiam o uso do carro e projetavam a cidade para ele com longas distâncias entre as separadas zonas de uso exclusivo (Ferreira, 2007; Careri, 2018). A urbanização dispersa e a falta de variedades de uso em um mesmo espaço desestimula a população a criar vínculos afetivos com a comunidade e incapacita diferentes pessoas com diferentes tipos de culturas e rendas a viverem nos mesmos locais.

A urbanização iniciada no Brasil no século XX muda os cenários das cidades com suas novas obras e com seus novos atores sociais. Na passagem para o século XXI as mudanças no urbano produzem a arte que sai do ambiente interno e passa a ter a própria cidade como suporte, sintetizado pela produção arquitetônica que se torna diferentemente visível e vivida pela estética artística que a compõe.

Ao interagirem com o ambiente, social e urbano, os cidadãos criam o ato da comunicação. Esta comunicação, dialógica, compartilha significados entre o cidadão e o espaço urbano, como uma rede produção social, um processo

de comunicação pública socializada gerador de significado (Castells, 2013). Diverso e inclusivo, estes processos dependem da estrutura comunicacional criada e pelo modo como serão difundidas. Assim ocorre com os espaços sociais, que produzem novos valores, que difunde através da comunicação e da relação, as reais necessidades de haver transformações para criar novas formas de organização da vida social.

Este estudo, que contempla os conceitos da comunicação a partir da iconografia, propõe desenvolver uma pesquisa em busca de uma ressignificação dos parâmetros para pensar nas cidades do futuro, tendo como objetivo a inclusão social. Considera-se, para esta proposta, a adoção de teóricos das áreas de comunicação, arquitetura, filosofia e sociologia, tendo como resultado final a resposta à seguinte pergunta de investigação: é possível vislumbrar uma cidade onde a inclusão social se dá a partir de uma narrativa estética e iconográfica?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A ocupação da cidade, dos seus lugares simbólicos e visíveis, compostas por espaços de fluxo e espaços de lugares, muitas vezes imperceptíveis e não transitado nem vivido durante o cotidiano dos seus habitantes, integram a dinâmica das cidades (Castells, 2013).

Imaginar a cidade do futuro pode ser possível através da observação atual das formas arquitetônicas, ou icônicas, utilizadas e do uso social dos espaços em seu contexto urbano. Para compreender este contraste é necessário levar em consideração as experiências relacionadas a construção do espaço da vida social dos habitantes. Uma arquitetura dialógica e socialmente inclusiva realça as reais necessidades socioeconômicas e culturais que impactam na vida sociais dos usuários (Muntañola, 2000). A ideia de dialogismo proposta por Bakhtin (1986) pode ser adaptada diretamente neste contexto, pois o autor considera que o texto é mais amplo que uma simples organização de letras. Neste sentido, o “diálogo” entre a arquitetura e a sociedade é um processo comunicacional por si mesmo.

Os “novos cidadãos”, que vivem em uma sociedade contemporânea, convivem com espaços comunicacionais coletivos e abertos com os meios sociais (Levinson, 2012; Renó, 2015). Este espaço público, que deve ser inclusivo, traz a imagem do cotidiano como uma nova maneira

de olhar a cidade, na qual as possibilidades da imagem que o ocupa, deve ter como ponto principal a participação do cidadão (Renó, 2015).

Para entender as consequências concernentes dos novos usos das cidades e do seu planejamento urbano é necessária uma leitura social e cultural. A Agenda2030 da ONU (ONU, 2019) propõe a melhoria da vida das pessoas em todos os lugares para garantir uma vida com dignidade, afirmando que para o mundo estar em um caminho sustentável é urgentemente necessário tomar medidas ousadas e transformadoras. Seu 11º objetivo, “Cidades e Comunidades Sustentáveis”, busca tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Anterior a isto, a Rede de Cidades Criativas da UNESCO, criada em 2004, é uma iniciativa que promove a cooperação internacional compreendendo que zonas urbanas que investem na cultura e na criatividade aceleram o desenvolvimento, transformando as cidades em locais mais inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis (ONU BRASIL, 2019).

Este projeto traz contribuições concretas para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030. Dentre seus 7 campos criativos abrange o tema de artes midiáticas que visa melhorar o acesso e a participação da população na vida cultural das cidades assim como fortalece cooperações entre as cidades que já reconheceram estes fatores como estratégicos para seu desenvolvimento sustentável (ONU, 2019; ONU BRASIL, 2019).

Os espaços se comunicam entre si. Mas também se comunicam com o indivíduo (Levinson, 2012). Devem ser locais de convívio enxergados como imagens surpreendentes e vivas. A maturidade da experiência social inclusiva está em um convívio que não permita distinguir quem é o suporte: a arquitetura, o urbanismo ou a arte.

A busca pela conexão nos espaços só se torna concreta quando estes espaços são ocupados ou fazem parte do fluxo urbano. Deste modo, ancora-se a interação dinâmica neste novo espaço público: habitável e inclusivo (Castells, 2013; ONU, 2019).

A mediação da estética se converte ao ponto de, em uma dimensão-chave, se tornar a estrutura da sociedade. O processo de comunicação do ecossistema, dialógico, é mediado articuladamente pela estética (Bakhtin, 1986). A

estética, utilizada como meio de comunicação, tem o poder de impor seus próprios pressupostos aos que com ela dialogam (McLuhan, 2005).

A utilização dos espaços públicos atraentes e convidativos, que agregam uma memória paisagística/arquitetônica/urbanística, torna as Cidades mais inclusivas através da sua qualificação. Utilizar a arte, experienciar a estética, é representar exatamente o contrário da indiferença (Heidegger, 2005).

De acordo com Marcuse (2007), a arte é autônoma nas relações sociais, na qual transcende, rompendo com a consciência dominante e revolucionando a experiência. Utilizar a estética Marxista permite uma relação com sua forma de ideologia capaz de transformar a mudança social, na qual relações são fundadas em seu contexto. A transformação estética advinda de uma dialogia traz percepção e compreensão para o usuário ao revelar a essência da realidade de forma imagética (Marcuse, 2007).

Espera-se, a partir deste estudo, oferecer novos parâmetros para o desenvolvimento de um olhar mais social e cultural para os espaços públicos atuais, totalmente distinto dos anteriores (Levinson, 2012). Novas condições, até então não pensadas pela sociedade, caracterizam os novos desafios, que requerem propostas que deem a cidade um poder efetivo frente a esta sociedade.

3. AGENDA 2030

Afirmando que para por o mundo em um caminho sustentável são necessárias medidas urgentes. A Agenda 2030 contém 17 ODS, sendo seu 11º o principal objetivo adotado para este estudo. Com 169 metas totais, acordadas pelos países membros da ONU, a agenda objetiva resolver alguns dos maiores desafios da humanidade.

Reunindo interesses comuns, é possível elaborar estratégias locais e universais, juntamente compartilhadas na Agenda 2030. Ao mesmo tempo em que desafios são abordados em comunidades locais, as oportunidades podem ser aplicadas em diversos níveis de comunidades existentes.

Atualizar e reparar locais urbanos e sua infraestrutura, caracterizados como espaços públicos ou privados, maximizam a sua sustentabilidade,

melhoram a sua acessibilidade, minimizam os impactos ambientais diversos e, garantem sua capacidade de suportar o impacto das mudanças climáticas e outros desastres naturais. É de extrema relevância destacar aqui que todas as ações da Agenda 2030 visam, sobretudo, reduzir os efeitos devastadores da crise climática e seus efeitos (ONU, 2019).

Dentre os subtemas que constituem a lista do objetivo das “Cidades e Comunidades Sustentáveis”, existem metas que precisam ser cumpridas para que o mundo possa ser transformado até o ano de 2030 (ODS11, 2019). Dentre elas, destacam-se as que este estudo pretende ressignificar:

- 11.3: Até 2030, aumentar a urbanização inclusiva e sustentável, e as capacidades para o planejamento e gestão de assentamentos humanos participativos, integrados e sustentáveis, em todos os países;

- 11.7: Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência.

O programa ONU-HABITAT (Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Urbanos) é a Agência da ONU principal focada na urbanização sustentável e nos assentamentos Humanos. Trabalha com todos os temas relacionados à vida nas cidades e dentre os assuntos seus principais projetos, tratam dos espaços públicos e pesquisa e desenvolvimento de capacidades urbanas (ONU HABITAT, 2019).

Tendo em vista as ações propostas pela Agenda 2030, com foco em sua ODS 11, a ONU-HABITAT contém uma agenda mais relacionada ao tema central de seu trabalho, a Nova Agenda Urbana, conhecida como Habitat III. Esta agenda é um documento “orientado para ação que definiu padrões globais para alcance do desenvolvimento urbano sustentável, repensando a forma como construímos, gerenciamos e vivemos nas cidades” (ONU HABITAT, 2019).

De acordo com a ONU (2019) as pessoas buscam no espaço urbano lugares com conexões. Segundo a organização, uma noção de cidade próspera pode ser caracterizada como aquela que reconhece a relevância dos espaços públicos bem planejados, importância esta considerada cada vez mais relevante para serem aderidas por cidades que desejam oferecer melhor qualidade de vida para seus habitantes.

Outro aspecto que, junto com todas estas organizações, a World Design Organization (WDO) adotou também o 11º ODS como estrutura de ação alegando seu potencial que pode oferecer, simultaneamente, impacto social e ambiental positivo (WDO, 2019). O design de uma cidade faz parte da sua arquitetura e contempla os aspectos imagéticos e estéticos presentes nos espaços. Seu uso eficaz e estratégico na cidade e no desenvolvimento dos impactos urbanos contribui juntamente com os outros temas para a inclusão e a resolução dos problemas aqui detectados.

É importante destacar que o design, entendido aqui como um ponto comum e paralelo com a arquitetura, prioriza também a acessibilidade, a inclusão e o respeito ao cidadão. Visam assim, as necessidades humanas em primeiro lugar, promovendo o idealizado equilíbrio entre pessoas e espaço urbano.

Segundo a WDO (2019), o design é utilizado como um ponto de referência extremamente importante para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. Ademais, se empregado de acordo com as aspirações e os compromissos da cidade, suas abordagens podem ocasionar uma melhora no progresso urbano e em sua sustentabilidade, contribuindo com a infraestrutura urbana e, concomitantemente, direcionando a convivência com o ambiente natural e construído.

Assim como a arquitetura, a comunicação e também a estética, o design é baseado, em sua essência, no ato de buscar as melhores maneiras e atos para melhorar a qualidade de vida dos seres humanos. O foco no usuário e no ambiente em que este vive, de acordo com a WDO (2019), “pode fornecer uma perspectiva nova e inovadora da agenda de desenvolvimento internacional”.

4. METODOLOGIA

Este artigo apresenta resultados da primeira etapa do projeto em questão. Para tanto, são oferecidas informações referentes à pesquisa bibliográfica, pois se trata de uma pesquisa de caráter exploratório. Apesar de aparentemente incipiente, os resultados aqui apresentados possuem especial relevância, pois direciona o estudo a partir destes pontos fundamentais.

A escolha pelo método aqui abordado se deu, pois, este estudo não tem como foco analisar dados por meios estatísticos ou medir

os eventos estudados, mas sim a obtenção de dados descritivos sobre pessoas e lugares, além de processos interativos. Esta análise se dá por uso do contato direto do pesquisador com a abordagem pesquisada, a fim de que a compreensão emerge por meio da perspectiva da pessoa que interage diretamente com a situação de estudo (Godoy, 1995).

É possível transformar o espaço em que vivemos? É possível que espaços sejam usufruídos inteiramente por todos os seus habitantes? Como nos comunicamos no Ambiente construído? (Pallasmaa, 2011). Espaços inclusivos estruturados imageticamente (Careri, 2018) ajudariam no bem-estar individual e coletivo. O público, a rua, a calçada, devem promover os encontros e as convivências das diferenças.

Um dos grandes desafios deste estudo é entender o que é comum, o cotidiano das pessoas e suas necessidades diárias e a maneira como o coletivo ocupa os espaços. É importante ressaltar, para esta análise, que aproximar as pessoas nos espaços compartilhados tornou-se mais fácil com os novos processos da mídia e das comunicações (Levinson, 2012).

5. RESULTADOS

As cidades são marcadas por uma urbanização desordenada e excludente e, somada à ausência de diálogo, resultam em uma atuação improdutiva, tanto econômica como socialmente (ONU HABITAT, 2019). O desenvolvimento urbano sustentável deve advir dos reflexos ambientais e sociais do uso do espaço urbano, das transformações e dos desafios da cidade e das relações dela com seus habitantes.

O processo de comunicação é, neste contexto, um dos pés do tripé que compõem a comunicação, juntamente com o espaço e seus habitantes. Constituído de novas formas e valores culturais, as novas vias atribuem a comunicação e a organização uma capacidade autônoma que estimula uma relação dialógica entre seus componentes.

Os processos de comunicação do espaço, que se comunica com o próprio espaço e com o indivíduo, ocasiona também mudanças sociais. O ato cognitivo deste diálogo, a sua interação, modifica um ao outro. Modifica o jeito como o sujeito vê, entende e utiliza o espaço, assim como modifica o que o espaço é para ele. Esta

dialética é uma nova forma de associação entre seus próprios membros, que cria uma nova forma de espaço e uma nova forma de estética (McLuhan, 2005; Levinson, 2012).

Através da análise das formas e da estética da arquitetura, a partir da intervenção moderna e contemporânea dos espaços públicos, é possível imaginar como será o futuro das cidades. Utilizar a real colaboração da estética e da imagem da cidade como meio de comunicação dialógica, tendo como paradigma os espaços públicos e as metas da Agenda 2030, é uma proposta apropriada para tornar as cidades do futuro inclusivas.

Para chegar aos resultados esperados pelas ODS, e não apenas, mas também da ODS11, é necessário salientar a necessidade de entender as cidades e suas comunidades como espaços de convivência, ambientes centrais dotados de coesão social, prosperidade igualitária e inclusão.

Explorar a infraestrutura existente nas Cidades hoje como modo de entender os problemas causadores e suas razões, permitem compreender quais serão as ações essenciais para que se possa alcançar o crescimento urbano sustentável e equilibrado. As novas cidades serão criadas com foco nos cidadãos, cidades humanas, para que as pessoas possam usufruir e cultivar a melhoria da qualidade de vida de todos.

Tornar o espaço urbano acessível a todos os cidadãos, permitir a resiliência e a prosperidade das cidades, integrando pessoas diferentes, gera um desenvolvimento que garante inclusive a redução de danos ambientais, compreendendo assim a ligação do todo como um sistema. Deste modo, é possível apoiar e elaborar novas estratégias que adotem a visão universal da Agenda 2030, abordando concomitantemente os desafios e oportunidades das cidades que serão utilizadas como aplicação do estudo.

O reconhecimento ativo dos desafios que as cidades e os espaços enfrentam são objetos cruciais para o enfrentamento dos problemas urbanos atuais. É necessário perceber quais são estes reais desafios existentes para poder tornar as cidades e comunidades sustentáveis e inclusivas. É válido destacar que, reconhecer que uma cidade sustentável e inclusiva pode trazer oportunidade a todos, independente de tradições, valores, credos, raças e classes, respeitando os direitos humanos.

Espaços públicos urbanos adequados e acessíveis desencadeiam boas transformações nas vidas dos cidadãos. Mas para que isto

ocorra, é necessário trabalhar com e para as cidades (ONU, 2019). Investir nas cidades, fornecendo estruturas que permitam inclusive posteriores investimentos nestes locais, reúne interesses comuns às questões sociais, de infraestrutura econômica e administrativa.

e inclusão e quais os efeitos, características, atributos e propriedades destas imagens, podem ser percebidos através de uma investigação mais aprofundada das necessidades identificadas, ocasionando assim conceitos aplicáveis.

6. CONCLUSÕES

Aos poucos, a sociedade idealizada e inclusiva, vai sendo construída como um processo, onde o curso da evolução social e cultural, resiliente e adaptada, por necessidade, temporal e espacial, se torna característica básica da convivência dos cidadãos nos espaços públicos que produzem o bem-estar referenciado e fundamentado por uma comunicação imagética.

Para responder à questão inicial de investigação deste estudo (“é possível vislumbrar uma cidade onde a inclusão social se dá a partir de uma narrativa estética e iconográfica?”) é possível concluir, ainda que preliminarmente, que a comunicação do espaço público gera um processo de significação, e sua estrutura, cria novos valores com o cidadão que ali habita. O espaço urbano ocasiona a sensação de pertencimento do indivíduo na cidade. Novas formas de convivência e interação, em diferentes contextos, são geradas por estas novas transformações sociais.

Novas formas de ações estratégicas que apoiem e façam a Agenda 2030 avançar requerem a elaboração e a implantação de novas estratégias locais, centradas principalmente nas pessoas. Entretanto, para que isto ocorra, é necessário entender as cidades e suas comunidades como espaços de convivência, suas relações sociais, as prosperidades advindas destes aspectos e também do meio ambiente, passíveis de tornar possível todos os ODS, incluindo aqui principalmente, mas não apenas, o ODS 11.

Este estudo objetiva a pesquisa e o trabalho ativo na busca de soluções, e não apenas o reconhecimento de seus problemas. Para tal, os próximos passos são determinar novas metodologias observacionais, na qual o pesquisador tem total importância dentro do processo criativo para observar propostas de possíveis mudanças de paradigma aplicáveis. Pretende-se, através destas análises, compreender como a estética dialógica destes espaços e suas tendências, atuam como processo de comunicação

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, M. (1986). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Careri, F. (2018). *WALKSCAPES: walking as an aesthetic practice*. Ames, EUA: Culicidae Architectural Press.
- Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, J. S. W. (2007). *O Mito Da Cidade Global. O Papel Da Ideologia Na Produção Do Espaço Urbano*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas São Paulo*, 35 (2), 57-63.
- Heidegger, M. (2005). *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70.
- Lefebvre, H. (2009). *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro.
- Levinson, P. (2012). *New New Media*. Nova York: Penguin.
- Marcuse, H. (2007). *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70.
- McLuhan, M. (2005). *McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Muntañola, J. T. (2000). *Topogénesis. Fundamentos de una nueva arquitectura*. Barcelona: Ediciones UPC.
- ODS11. (2019). *Cidades e Comunidades Sustentáveis*. Recuperado de: <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods11/>
- ONU. (2019). *United Nations Millennium Development Goals*. Recuperado de: <https://www.un.org/millenniumgoals/bkgd.shtml>.
- ONU HABITAT. (2019). *Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos*. Recuperado de: <https://nacoesunidas.org/agencia/onuhabitat>.
- ONU BRASIL. (2019). *Nações Unidas Brasil*. Recuperado de: <https://nacoesunidas.org/>.

- Pallasmaa, J. (2011). *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman.
- Renó, D. (2015). Movilidad y producción audiovisual: cambios en la nueva ecología de los medios. En Carlos Scolari. (Org.). *Ecología de los medios, 1*, (pp. 247-263). Barcelona: Gedisa.
- Speck, J. (2016). *Cidade caminhável*. São Paulo: Perspectiva.
- WDO. (2019). *World Design Organization, 2019*. Recuperado de: <https://wdo.org/about/vision-mission/un-sdgs/>